

O ENGAJAMENTO SOCIAL DE LUIZ RUFFATO EM “O ATAQUE” *

YAMAMOTO, Cícera R. S. **

Introdução

O objetivo desse estudo é analisar, num contexto social, o conto “O ataque” de Luiz Ruffato que faz parte do livro *geração 90: manuscritos de computador* (2001) organizado por Nelson de Oliveira. Para tanto refletiremos sobre o tema central do conto de Ruffato; mostraremos a autenticidade do autor e apresentaremos considerações da escrita ruffatiana enquanto texto literário.

Analisar as questões que envolvem o presente estudo requer, inicialmente, um comentário sobre o livro organizado por Nelson de Oliveira, *Geração 90: manuscrito de computador* (2001). A coletânea reúne contistas brasileiros do final do século XX, perfazendo um total de 17 textos inéditos, entre eles o de Luiz Ruffato.

De acordo com Oliveira, a “geração 90”, difere-se dos contistas de 1970 em termos de aprimoramento e superação tecnológica. Esse novo grupo de escritores, apesar de antagônicos, tem em comum o computador como ferramenta de trabalho, deixando de lado os rascunhos, os manuscritos. Esses contos abordam temas atuais, polêmicos e, sobretudo, contemporâneos.

Analisando nesse mesmo pensar, vivenciamos outras realidades, o agora já é bem diferente dos anos 70. De lá para cá quanta coisa aconteceu! A cada instante um produto é mais avançado que o outro e assim segue esse mundo maluco. Considerando essas constantes transformações, é preciso lembrar que os escritores nos convidam para o que há de mais precioso que seria as chamadas para o diálogo, para a necessidade de uma reflexão do momento que estamos vivendo.

É importante ter uma visão crítica para observar os autores que passam suas mensagens dentro desse quadro histórico da literatura brasileira que ficará como recortes do que existiu nessa época. Segundo Bosi (1994, p. 255), a obra literária é o arranjo de cada momento histórico, pois ela está enraizada em seu tempo. O texto tem sua realidade social,

* Uma versão preliminar desse trabalho foi apresentada como requisito avaliativo da disciplina a Ficção Brasileira Hoje, ministrada pelo Prof. Dr. Antonio Rodrigues Belon, no Programa de Mestrado em Letras da UFMS, unidade de Três Lagoas, desse primeiro semestre de 2010.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), do Câmpus de Três Lagoas. Sob a orientação da Profa. Dra. Kelcilene Grácia Rodrigues. Bolsista Capes. Contato: yamacissa@hotmail.com

mas num momento específico. Assim esse estudo tem em foco Luiz Ruffato que é um dos nomes de destaque da nossa literatura atual.

Sobre o autor

Não cabe nesse estudo detalhar a existência do escritor, por isso procurou-se resumir algumas considerações sobre sua vida e obras: Nasceu na cidade de Cataguases, em fevereiro de 1961. Filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira. Exerceu várias profissões até se tornar escritor: Escreveu: **histórias de Remorsos e Rancores** (1998), **Os sobreviventes** (2000). Em 2001 lançou o romance *Eles Eram Muitos Cavalos*, com o qual foi premiado pela APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte – e pela Fundação Biblioteca Nacional, com o prêmio Machado de Assis. Entre várias outras obras vale lembrar que o escritor lançou também um livro de poesia, *As Máscaras Singulares* (2002), e neste mesmo ano publicou *Os Ases de Cataguases*, seu primeiro ensaio.

Sua publicação mais recente é a série *Inferno Provisório*, à qual o autor deu início em 2005. Ela pretende englobar cinco volumes, dos quais quatro já foram lançados – *Mamma, son tanto felice*; *O mundo inimigo*; Vista parcial da noite e *O livro das impossibilidades*. Este projeto conquistou também o prêmio concedido pela APCA à melhor ficção de 2005.

Estética da guerra: o tema em questão

O título ao ser abordado na leitura apresenta um grande impacto, na medida em que se faz necessário compreendê-lo detalhadamente. No dicionário Aurélio a palavra ataque tem o seguinte significado: “1 ato ou efeito de atacar; acometimento, assalto. 2. Agressão, ofensa, injúria. 3. Discussão, disputa. [...] 7. Esport. Ofensiva realizada por um ou mais jogadores de uma equipe no empenho de vencer o adversário”. (1988, p. 69)

A hipótese que parece razoável seria o efeito de atacar, e ao ler o texto é possível verificar que dentro de uma forma geral a palavra guerra ganha um sentido subjetivo dentro do tema o ataque, e ainda existe a possibilidade de imaginar uma luta com o empenho de vencer um adversário totalmente o oposto do que se imagina num primeiro momento. Pode-se arriscar aqui o amparo em Benjamin (1994, p. 195):

Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra e somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes. Eis como o fenômeno pode ser formulado do ponto de vista político. Do ponto de vista técnico, sua formulação é a

seguinte: somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de produção. [...] Essa guerra é uma revolta de técnica, que cobra em “material humano” o que lhe foi negado pela sociedade.

É pertinente lembrar também que esse ataque de Luiz Ruffato pode estar ligado ao combate. Bosi (1984, p. 257) salienta essa questão ao citar Rui Barbosa que usava seu dom da retórica como um instrumento de ação. “*Ataque, combate, ação*”.

A Linguagem Contemporânea de Luiz Ruffato (autenticidade e literatura)

Propondo estudar apenas “o ataque” entre tantas obras do autor, é possível encontrar inúmeros detalhes que comprovam sua arte literária.

Ao narrar o conto faz uma trajetória como se estivesse sido narrado em certa ordem, mas o texto não tem uma camada cronológica, é feita em um ponto aqui e lá. Apresenta o passado e o presente ao mesmo tempo. Desobedece qualquer ordenamento (forma padrão de escrever, inventar), principalmente no sentido da questão do discurso de deslocamento, o tempo é que parece ser descontinuo e continuo:

Naquele verão, meus pais tiveram a oportunidade de apertar a mão da felicidade. Em *janeiro*, enquanto nuvens negras... [...] Em *fevereiro*, meu pai, com a ajuda do Reginaldo e da Mirtes. [...] *Nessa época*, meu pai andava contaminado pela idéia de mudar de ramo, [...] *Numa* madrugada friíssima de *maio*, despertei aterrado, o alarido das criações assustadas no galinheiro...[...] Na segunda semana de volta às aulas, *agosto entrado*, especulava num finzinho de tarde, no cocoruto do morro... [...] Em meados de *outubro*, o zunido do rádio arrancou-me do sono. [...] Na folhinha, *dezembro* dobrado ao meio. (RUFFATO, 2001, p. 225-238.)

O texto começa em janeiro e termina em dezembro, mas não se sabe de que ano, o conto intercede essa lógica porque o texto indica uma incoerência no transcorrer dos meses devido às idas e vindas entre presente, passado e futuro. É um jeito bem diferente de narrar.

Poderia dizer que a linguagem direta seja outro destaque, próprio do contemporâneo, na sua forma de escrever:

Que foi?, ‘Sou eu, mãe...’, ‘Quem é, Geni?’, ‘Sou eu, pai...’, ‘Vem cá, meu filho... Quê que foi? Teve um sonho ruim?’ ‘Mãe... Pai... eu... eu...eu ouvi aquela coisa... de novo...’, ‘A guerra?’ perguntou meu pai, aflito, vestindo a boca com a dentadura, ‘É...a guerra...’, respondi focinhando-me entre os dois (RUFFATO, 2001, p. 23, grifos no original)

É um ritmo, acelerado, direto. O texto acima citado, mostra de forma clara o domínio do escritor levando o leitor a explorar e compreender a linguagem objetiva que a obra apresenta. Outro ponto notado na sua arte seria a utilização linguística, recorrendo a algumas inovações como o recurso ao uso do estilo itálico e das reticências; o modo como a personagem faz a iconização:

[...], encheu uma lata de milho, dirigiu-se ao terreiro, convocou as galinhas, pruuuu-ti-ti-ti, pruuuu-ti-ti-ti, meu pai tossiu...depois... o cheiro de café... Mirtes resmungava qualquer coisa... meu irmão abre a gaveta da mesinha... o cheiro de pão-na-frigideira... "friagem"... "este ano"... "pra pagar no dia"... barulho dos limpa-raios coloridos no aro da bicicleta do Reginaldo... o tamanco da Mirtes... (RUFFATO, 2001, p. 229, grifos no original)

A sensação que se tem ao ler esse trecho acima é que se está tão próximo do real que parece estar assistindo um filme; o qual se pode ouvir o som...

O último trecho do conto aponta técnica de narrativa verossímil que transmite certa mistura do mundo real com a fantasia:

Com uma talhadeira, demarquei no cimento debaixo da minha cama um quadrado de trinta centímetros, para desgosto da minha mãe. Com a cavadeira, alimentei o buraco. De começo, explodiram calos-de-sangue, o serviço só avançando guiado pelas mãos mumificadas; à noite, latejavam os músculos, incendiava a cabeça, enjoava o estômago, roíam os rins, rilhavam os dentes. A terra desassentada carregava num balde de zinco, a alça amarrada a uma corda, escalava as paredes úmidas, puxava, despejava num carrinho-de-mão, uma, duas, três, quatro, cinco viagens, até enchê-lo, conduzia-o para o atrás-da-casa, riscando o chão do quarto e da cozinha, a um agora monturo, outrora pequena horta, e voltava à faina. Quando reparei os dois metros de fundura, empunhei um enxadãozinho e cavuquei lateralmente, dia e noite, endiabrado, corpo bobo, maquinal, até esculpir um aposento pequeno, metro e vinte de altura hum de largura, hum de comprimento. Aí, a enfeitação: calços de madeira para amparar o teto, tábuas para forrar o chão, uma extensão de força, meu colchão-de-capim, meu travesseiro de pena. Uma tampa de latão cerrava a boca do buraco. Na folhinha, dezembro dobrado ao meio. (RUFFATO, 2001, p.236)

Para o personagem, era real de que haveria realmente o ataque em Cataguases, e por isso resolveu esconder-se e proteger-se. O buraco era a concretização de sua “verdade”.

Isso estabelece um grande contato com o leitor, em que, o alerta reforça a ideia ou apresenta outros posicionamentos que, mesmo gerando incômodo, nos remete a uma realidade gritante.

Somando a tudo o que foi exposto é conexo ainda fazer uma última constatação que seria a mais visível, ou seja, a leitura se materializa no dia a dia, no cotidiano que parece ser o desdobramento do seu conto, o qual mostra com clareza a vida sofrida e o cotidiano do brasileiro.

Isso faz lembrar outros escritores, principalmente os regionalistas como o Graciliano Ramos, por exemplo. A crítica poderia nesse sentido fundamentar que por isso sua obra não é singular, inovadora.

Em uma entrevista realizada por Corsi (2010, p. 1) Luiz Ruffato comenta: “Eu não me considero escritor e sim re-escritor...”.

Entretanto é notável muitas singularidades em sua escrita conforme foi visto em trechos acima citados. Sua autenticidade se faz presente no momento em que conta a estória, narrando sua realidade, seu momento, sua visão de mundo. Isso vem de encontro com o pensamento de Benjamin (2008, p. 167) que escreve: “Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra”.

Desse modo o Luiz Ruffato proporciona um sentido novo à sua obra, como destaca Eliot (1989, p. 39):

Os monumentos existentes formam uma ordem entre si, e esta só se modifica pelo aparecimento de uma nova (realmente nova) obra entre eles. A ordem existente é completa antes que a nova obra apareça [...] Quem quer que já aceito essa ideia de ordem, da forma da literatura europeia ou inglesa, não julgará absurdo que o passado deva ser modificado pelo presente tanto quanto o presente esteja orientado pelo passado.

O destaque em sua arte está em escrever a vida do trabalhador urbano, pois segundo o comentário do autor dado em uma entrevista: “As pessoas não escrevem sobre o trabalhador urbano. É muito raro” (ZOCHE, 2005, p. 1). Assim percebe-se que sua narrativa mostra com clareza a vida sofrida e o cotidiano do brasileiro. Isso pode ser amparado pela visão de Bloom (1991, p. 49):

O principal propósito desse livro é, necessariamente, apresentar uma visão de um leitor em particular, no contexto tanto da crítica quanto da poesia de sua geração, naquele ponto onde as crises correntes mais o tocam, e no contexto de suas próprias angústias de influência.

“Eu não escrevo com a cabeça. Sou um escritor de corpo inteiro”, argumenta Ruffato em uma entrevista (ZOCHE, 2005, p.1). Dessa forma ele escreve a inquietude que repercuti, sobretudo, na questão do ponto de vista, da posição do narrador diante do que é narrado, ou seja, ele transmite ao leitor exatamente a situação atual da realidade brasileira, vivenciada por si mesmo.

Ele acredita que todo autor deve encontrar uma maneira de exprimir seu movimento interior. Luiz Ruffato privilegia a forma em sua produção artística procurando sempre introduzir novidades neste campo, mesmo optando por focar uma temática menos renovadora, mais convencional. (FERREIRA, 2009, p. 110)

Assim, segundo Ferreira, Ruffato procura trazer para o universo ficcional, realidades concretas transpondo o mundo físico com suas realidades, ou seja, ele acreditaria que a realidade e a imaginação encontram-se no espaço literário, portanto poderia dizer que sua obra literária transpira realismo e ficção. (2009, p. 101).

A forma que Ruffato narra seu conto com tantas técnicas de recurso tipicamente contemporâneo transcendem qualquer semelhança relacionada a outros escritores e obras. O que o insere no grupo como um escritor moderno, pois Bosi (1994, p. 438) salienta que: “[...] na rede de uma cultura plural como a que vivemos, é a qualidade estética do texto que ainda deve importar como primeiro critério de inclusão no vasto mundo da narrativa [...]”.

Neste contexto, a moderna literatura da realidade brasileira narrada por Ruffato em “O Ataque” cunhou para dar conta dessa complexidade brasileira, como uma questão já mencionada por tantos outros personagens brasileiros sejam eles: cantores, romancistas, escritores, entre outros.

Nesta ótica, pode-se dizer que, esta forma de obra literária, a qual Luiz Ruffato tem se destacado entre muitos escritores atuais, ganha relevo e se desdobra no que se chama literatura brasileira contemporânea.

A Análise da Narrativa no Contexto de Denúncia

Esse tópico vem apresentar o texto dentro de uma análise geral a fim de realizar o objetivo proposto para essa reflexão.

O conto relata inicialmente a problemática de uma família lutando para construir uma casa e sair do aluguel, a qual leva dois anos para ser edificada. O trabalho que o autor explora nessa família tipicamente brasileira é composto de um pai, de uma mãe (Sebastião e Geni, para quem ele dedica o conto), de um irmão, de uma irmã (Reginaldo e Mirtes) e do filho protagonista menor, próprio narrador, narrado, portanto, em primeira pessoa. Tem a montagem dos problemas enfrentados pela família, o pesadelo do narrador personagem de que uma guerra iria acontecer na cidade de Cataguases, o diálogo do pai com relação a essa “premunção” com o delegado, depois de várias tentativas para conversar com outras autoridades a respeito da “guerra”, o qual aconselha um psicólogo para o menino, que desacreditado faz um buraco em baixo da cama e entra dentro.

Assim o conto é perfeito ao deparar-se com a realidade brasileira, seja através de relatos da vida sofrida, do caos social, da miséria do povo, da falta de assistência da saúde, a falta de parcerias com as políticas públicas dos órgãos competentes a fim de melhorar a vida das pessoas menos favorecidas economicamente, entre outros fatores que assolam o povo brasileiro, vejamos alguns trechos que marcam estes tópicos:

[...] “verdade, as enchentes que estragavam com tudo — "Perdi a conta dos colchões jogados fora" — [...] meu pai, com a ajuda do Reginaldo e da Mirtes, meus irmãos, comprou a *prestações* uma televisão Telefunken vinte-e-três-polegadas para minha mãe poder acompanhar as novelas; [...] A Mirtes completara dezessete anos e caçava um rapaz que pudesse soerguê-la da condição de operária para a de grã-fina. Na sala-de-pano da Industrial, longe do barulho, do calor, do abafamento, do ar viciado da fiação e da tecelagem, todas as recentes conquistas da família contavam pouco para ela. [...] Dormíamos no mesmo quarto, as camas separadas por uma mesinha labirintada de cupins... . (RUFFATO, 2001, 226-229)

O escritor descreve atentamente o sufoco dos personagens perante a situação econômica que possuem. Isso mostra uma resistência ao aparecer em sua obra certa denúncia da realidade opressora. De acordo com Bosi, (2002, p. 126) surge “‘o intelectual orgânico’ da classe operária, isto é, o escritor que se despe dos preconceitos e do imaginário burguês para plasmar uma linguagem aderente ao real e aos valores do progresso, justiça e liberdade”.

Aborda também questões, não só sociais como também raciais:

O Reginaldo era grande, passado aos vinte, e por volta do Natal havia anunciado, para grande alegria dos meus pais, que ele e a Rejane tinham brigado, que não estava mais gostando da filha da Sá-Ana — "Bem que a senhora avisou...", ele reconheceu; "Meu filho, coração de mãe nunca erra...", minha mãe falou; "Deus ouviu as minhas preces", meu pai completou. O que os incomodava deveras, alegavam, nem tanto era a Sá-Ana ser preta — preta, retinta — até porque a Rejane era mais puxada para mulata, meio chocolate, observavam — mas por causa do terreiro-de-macumba que mantinha nos fundos da casa, vizinha ao Beco do Zé Pinto. Não é questão de cor, minha mãe frisava, é que esse povo mexe com o que não deve, com feitiçaria, com o tihoso, Deus-que-me-livre-e-guarde!, (RUFFATO, 2001, p. 228, grifos no original).

Como muito bem notado, o século XX terminou, sem que problemas básicos de assistência familiar tenham sido resolvidos. Neste sentido com relação à *teoria* os problemas sociais brasileiros estão sendo “solucionados”. De acordo com Vasconcelos (2007), dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas –IPEA – registraram avanços generalizados quanto à redução das desigualdades sociais no país e é sob esse olhar que o autor tem como ponto de partida para enfatizar em seu conto mostrando à realidade da população carente, ou seja, é o seu engajamento social; tem responsabilidade do seu compromisso e sabe ser solidário com as circunstâncias sociais, históricas e nacionais em que vive, e procura, pois, ter consciência das conseqüências morais e sociais de seus princípios e atitudes.

Nesse sentido com relação aos problemas sociais, é observado que para “esconder” a vergonha social de uma sociedade empobrecida e miserável, muitos autores através de suas obras passaram a evitar este tipo de literatura – direta objetiva, que retrata a realidade contemporânea - evitando assim o preconceito, a discriminação por suas obras

literárias serem dirigidas aos grupos sociais mais abastados. Nesta mesma linha de pensamento para confirmar essa sua postura, analisemos o trecho:

Ganhei a estradinha que enviesava morraria acima, de-chão, ressulcada pela enxurrada, calhaus magoando a banda dos pés enchinelados, uma pirambeira, casinhas adoentadas agarradas à terra amarela esfarelenta, laje na altura do arruamento, fedor de porcos no cercadinho, uma plantaçozinha de mandioca, um alastro de verdurinhas magras, um gato espreguiçado na janela, outro encaracolado na porta da sala, sobre um tapete imundo, [...], os tetos espaçando, um barraco aqui, um puxado ali, lá [...] (RUFFATO, 2001, p. 232).

No texto acima, o contista faz a denúncia da realidade enfrentada pela falta de assistência alinhada ao desrespeito à população, que por sua vez não encontra os mínimos sociais: assistência médica, assistência social, saneamento básico, entre outros.

Diante dessas considerações, o escritor ao optar pela realidade contemporânea denota uma postura política contrária aos “padrões ideais”, e faz com que o leitor enxergue segundo Vasconcelos (2007, p. 69), o lado dos pobres, dos negros, os quais compartilham este mundo apertado e sofrido.

Nesse patamar pode-se dizer que, esta forma de narrar torna-se uma literatura de denúncia; a fim de despertar a consciência da sociedade que existe “outra sociedade”. Pode-se dizer complexo para alguns, complexo no sentido de levar à tona as reflexões sociais, a realidade de um povo, que muitas vezes são esquecidos, pois ao invés de ajudá-los, eles dão simplesmente “pão e circo” a fim de entreterem, com o objetivo de evitar greves, piquetes, impitchman entre outras revoluções como a “guerra fria” as quais são estampadas na mídia.

Observa-se ainda que, Ruffato, não usa de violência brutal em seu conto, ao transcrever essa questão do “mascaramento” social, mas relata de forma bastante contundente o trecho vertiginoso do narrador protagonista, ao ouvir notícias de que haveria um ataque aéreo em Cataguases:

Numa madrugada friíssima de maio, despertei aterrado, o alarido das criações assustadas no galinheiro, o coração aos murros, um arrupio na espinha, uma bambeza nas pernas, um zunido zunindo em-dentro da cabeça, meu corpo hirto assentado no gélido chão de cimento, envolto num breu tão espesso que poderia esmigalhar entre os dedos, a treva, o cheiro do coisa-ruim, meus olhos esbugalhados, o horror, atreva, então ouvi a voz fugidia, as pilhas gastas, sussurrar, em meio a um oceano de interferências.. "Aqui, Rádio BBC, trans(.....) de Londres(.....) ssão em português(.....)ovas instruções(.....)de Cataguases. O ata(.....)undo agentes da ci(.....)devem ocorr(.....)leste, a esquadrilh(.....)". E, num bote traiçoeiro, o silêncio apresou o mundo, e tudo transformou-se num líquido pegajoso, malcheiroso, visguento, que, entornando-se, afogou a si próprio (RUFFATO, 2001, p. 229, grifos no original).

Esse jeito de escrever faltando letras, com parênteses etc. é um recurso linguístico bastante interessante que Ruffato traz para o texto, mostrando também o fluxo da consciência

do ser humano em que há o sofrimento inexplicável do medo do desconhecido; relacionando conjuntamente a esse mundo conturbado em que vivemos. Mesmo com os avanços tecnológicos nos deparamos com tantos problemas sociais e catástrofes universais. Reafirmamos essa questão com o seguinte pensamento:

[...] começo observando que em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto a irracionalidade. Assim como a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. (CANDIDO, 1977, p. 169)

Essa desigualdade social seria para Candido a grande dificuldade para exercitar os direitos humanos. Cabe ressaltar, portanto, a importância do texto de Luiz Ruffato dentro deste sistema de exercício humanitário, pois, ainda de acordo com Candido (1977, p. 186) “[...] A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual [...]”.

Podemos assim, concluir que a literatura é engajada e funciona também como arma de denúncia e de defesa à classe proletária, a qual essa obra ruffatiana defende de forma bastante obvia.

Considerações Finais

Há muito que se explorar nesse conto, principalmente a palavra Cataguases que tem todo um significado no texto. Outra parte interessante de grande denúncia social seria o diálogo que o personagem Sebastião mantém com o delegado Dr. Aníbal Resende, relacionado ao ataque aéreo que o protagonista narrador prevê na cidade de Cataguases.

Porém como o conto traz uma série de elementos para serem investigados limitou-se destacar apenas alguns pontos da obra para mostrar a questão principal dessa análise que seria o conjunto de fatores que evidenciam o problema do social entre as massas proletárias do país explorado por intermédio do trabalhador urbano de forma objetiva; que sob o ponto de vista desse estudo, é o grande destaque de seu texto.

O conteúdo permite pensar também na motivação, de que se cerca essa construção do fundamento ou da essência literária que se dá pelo fato de fazer a diferença através de sua

obra, objetivando que tudo não pode continuar na *mesmice*. Pois o escrito trata-se, obviamente, de uma literatura de denúncia.

Apesar do ecletismo direcionado a um ou outro assunto, todos esses escritores da “geração 90” contidos na organização de Nelson de Oliveira, cooperaram à sua maneira para uma consciência que busca a descrição da realidade e da criação de uma literatura nacional e estudo da história. Dessa forma, esses escritores cada vez mais conscientes de sua responsabilidade e compromisso na sociedade vão aparecendo, colaborando para apontar novos horizontes, utilizando seus pensamentos como instrumento de ação, como Luiz Ruffato.

Contudo não devemos esquecer que essa “geração 90” descrita aqui nesse trabalho, é uma literatura marcada pela multiplicidade e heterogeneidade de estilos, pois suas obras estão à espera de críticos, (e de analistas) seja daqueles que concebem a “literatura como sistema enraizada na vida e na história da sociedade” (Bosi, 1994), seja de abordagens culturalistas, dialéticas, ideológicas, marxistas ou contextualizas, ou mesmo de enfoques estruturalistas ou funcionalistas. Afinal, a crítica contemporânea engloba todos esses matizes...

Referências

ACESSA. Entrevista de Sílvia zoche: **Biografia de Luiz Ruffato**. Artigo. [s.n.t]. São Paulo, mar. de 2005. Disponível em [HTTP://acessa.com](http://acessa.com)

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. In: _____. **A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.p. 491-497

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In:_____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135

CANDIDO, Antonio. Direito a literatura. In:_____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1977, p.169-186.

ELIOT, T.S. **Ensaio**. São Paulo: Art, 1989.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário básico da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1988, p. 69

FERREIRA, Terezinha Perini. **Caótica unidade: a narrativa de Luiz Ruffato Entre Eles eram muitos Cavalos**. (Dissertação). UFMS. Campus de Três Lagoas-MS, 2009.

OLIVEIRA, Nelson de (org.). **Geração 90: manuscritos de computador**. In: O ataque. Luiz Ruffato. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, p. 223-238.

SPECULUM , Entrevista de Danilo Corsa: **Os infernos provisórios de Luiz Ruffato**. 2005, p. 1. Disponível em: www.speculum.art.br Acesso em: 09 abr 2010.

VASCONCELOS, Liana Aragão Lira. **Estratégias de atuação no mercado editorial: Marcelino Freire e a geração 90**. Brasília, 2007. Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3042/1/2007_LianaAragaoLiraVasconcelos.PDF Acesso em: 09 abr 2010